



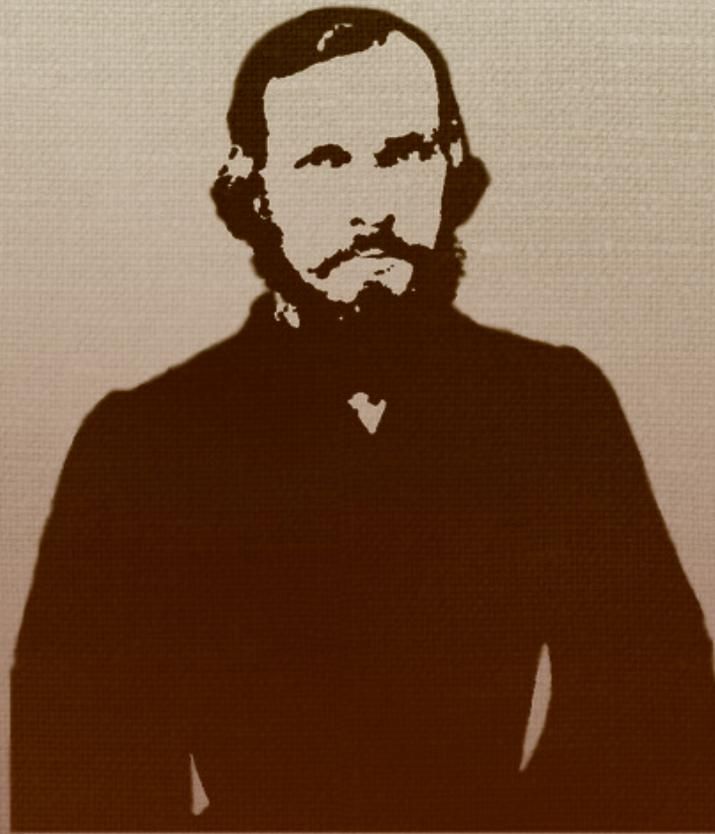
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Qorpo Santo
Dois irmãos



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Dois irmãos

Qorpo Santo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Livro Digital nº 829 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.
Teatro - Literatura Brasileira.

José Joaquim de Campos Leão
(1829 - 1883)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

DOIS IRMÃOS
NOTAS PARA UMA COMÉDIA



PERSONAGENS:

ANTÔNIO (bacharel em Direito; advogado)

JOSÉ

MANUEL

FREDERICO

PULQUÉRIA

RUMÂNICA

LEVA-RIBA

ROSCÁLIA, CAIXEIRO DESTA.

LEVA-REMOS

QUADRADO, AMIGO DAQUELE.

CANGUEIROS

CARROCEIRO

Mulheres, homens, uma visita e as figuras do 5º Quadro.

ATO I

CENA I

ANTÔNIO (*para José*)

Conheces Pedro, o Marinho?

JOSÉ

Não; quem é? Onde mora? é coisa que se coma, que se beba, que se vista?! ou que se durma; se passeie; ou se dance!?

(*A cada palavra — coma, beba, etc. — jaz todo sinal com a boca, lábios, etc.*)

ANTÔNIO

Não; não é nada disso; é apenas um irmão de sangue que possuo; *(aperta duas vezes os braços, movendo com os dedos)* possui e havia ainda de possuir, se eu quisesse ir... não! se ele quisesse vir!

JOSÉ

Mas... dizes tanto... tantas coisas, que eu não sei o que deva responder! Perguntaste-me se eu conheço Pedro, o Marinho; — e depois... não sei o que te responda! És, fui, sou e seria!

ANTÔNIO *(à parte)*

A resposta está conforme a pergunta. *(Para José)* Mas diga-me *(agarrando-lhe no nariz)* — conhece ou não conhece? *(Dá-lhe outro puxão que sacode-lhe a cabeça)* diz ou não diz!?

JOSÉ *(dando um pulo para trás)*

Homem dos diabos! deixa-me! Deixa-me! Já me puxaste o nariz! Vai puxar o queixo da tua Avó torta!...

(Antônio puxa-lhe o queixo)

ANTÔNIO *(à parte)*

Estava fazendo um benefício para ele *(apontando)* — aumentando-lhe o nariz; e sua mercê não quis: não quer! pois há de ficar sem nariz! *(Com raiva)*

MANUEL *(pé ante pé, batendo nas palmas e entrando. Já se sabe — a figura mais esquisita que se pode fantasiar)*

Dá licença, senhor doutor? Hein? Hein? dá? Eu quero entrar. Pois já sabe que sou todo seu! que o quero, que o desejo, que o amo! Venha, ah! não; ele não pode vir; eu é que vou!

(Aproxima-se)

ANTÔNIO *(virando-se de repente e com uma mão no ouvido)*

Vozes! quem são? Serão... é... ah! é o meu célebre, senão celeberrimo amigo Rubicundo!

MANUEL

Não; não sou esse! Sou o seu velho, antigo, antiquíssimo amigo
(*batendo-lhe nas costas*) Manuel das choradadas! Sou, sou; não ouve?

ANTÔNIO (*virando-se muito devagar e estendendo-lhe a mão por cima do pescoço*)

Ah! (*Arrastando os pés, a cabeça levantada como cego, a boca muito aberta*)
Ah! és tu! (*Apalpando*) ah! ainda sou feliz? Ainda achei o meu amigo
Manuel? Não me falta nada! De onde vieste? Não viste por lá o meu
irmão José? Hem? estava... ora, ora, ora! estava aonde?! (*Pondo-lhe a
mão nos peitos*)

MANUEL

Eu não o conheço; não sei; o senhor inda tinha esse irmão?

ANTÔNIO

Ó diabo! pois tu não te lembras do meu irmão, com quem brincavas,
jogavas, comias e dormias!? Então... ou tu pensas que eu me honro
mais que o que sou, por dizer que tenho esse irmão!? (*Puxa-lhe um
braço*)

MANUEL

Não é isso o que eu digo; é que ele parece se ter esquecido de ti! Ah!
foi sonho, visão, ou não sei que ilusão — que me fez crer que ele não
pensava em ti se não... não: que não escrevia a ti, senão de séculos
em séculos!

FREDERICO (*entrando e descansando o chapéu sobre uma mesa*)

Venho hoje mais cedo que o diabo! Andei, fui a toda parte; estou
banhado em lágrimas de suor... ou em suor de lágrimas — que vem
a ser tudo o mesmo! (*Caminhando*) Tenho procurado, buscado,
encontrado, e nada achado! (*Pegando e atirando com o chapéu*) Isto é o
diabo! e mais que o diabo! É o demônio, não é chapéu... Perguntei a
este demônio o que havia de fazer (*apontando para o chapéu que se acha
no chão*). Disse-me que ser Ministro, que não recebesse nada e que
antes desse! que perdesse casa! que perdesse tudo! E eu respondi-

lhe que não fosse louco! que para se exercerem cargos públicos não é necessário tudo perder-se! E fui andando em busca do que de direito me pertence! Em certo lugar (*pega o chapéu e põe na cabeça*) perguntei à sobrecasaca (*olhando-se*) ou casaca que também não sei bem o que é, se sabia quantas promessas se me haviam feito impondo-me condições, e a quantas me haviam faltado! (*Com ar gracioso*) Que havia de responder?! que fosse ao Tambicu! Perguntei-lhe: E quem é esse Tambicu?! Ficou em silêncio tão profundo como são as águas dos mares no fundo! Espantei-me: mas também calei-me. A calça, que me viu mudo — que há de fazer? Belisca-me! Sinto a dor, e com ela ouço a voz: Não quer-me ouvir! Há de arrepender-se; ouve ou não ouve!? É surdo! Está bem: há de arrepender-se; deixe estar! Não: é melhor ouvir e atender, se quiser ter. Ó calça! (*Puxando esta*) Que vêm fazer a teu discurso as palavras deixe estar?

ANTÔNIO

Sempre andas, rapaz, todo incomodado! Nada te apraz. Nada te satisfaz.

MANUEL (*para Antônio*)

Ah! senhor doutor, este menino é seu filho?

ANTÔNIO

Não é meu filho; mas é mais que filho. Amo-o tanto!

FREDERICO (*para Manuel*)

E o senhor que se importa (*com maneiras mui grosseiras*) que se importa — se eu sou filho, pai ou médico, aqui do meu Avô!? Pertence-lhe a minha vida? o senhor é casado comigo?

MANUEL

Este teu filho é o diabo!

FREDERICO (*para o pai*)

Pois meu Pai, eu não hei de me incomodar quando vejo tanto despropósito; tantas loucuras; tantas parvoíces hoje, amanhã tanta asneira, tanta tolice!?

ANTÔNIO

Rapaz, tu hoje estás diametralmente transtornado! Estou te desconhecendo.

FREDERICO

Bem; vossa senhoria é formado em direito pátrio e estrangeiro, canônico e não sei que mais. Diga-me: Um amigo meu alugou para a ocupação de objetos pertencentes à Fazenda nacional uma de suas propriedades; houve preço marcado; houveram ordens para pagar-se; vieram documentos que o comprovaram; entretanto, aparecem todos os dias novos embaraços e há quase um ano ele não pode haver tais quantias. Ora novas e contrárias informações; depois, questões de preço; mais tarde questões de atestados; amanhã, — de direito de propriedade; em outro dia — de desconto de dívidas, como se a Tesouraria fosse juiz competente para conhecer estas questões comerciais; ou caixeiro deste ou daquele intitulado credor, — para fazer descontos, aceita embargos ou coisa semelhante; quer seja, quer não, verdade o que alega, visto ser ouvida a parte contrária, ou de quem se diz credor, é macarangana que ninguém se entende! hoje temos um despacho, amanhã não passou de ilusão! depois...

ANTÔNIO

Estás com tão grande aranzel, que não sei onde vais parar! Espera, tolo, — e verás que serás feliz. Tu não queres esperar, és um apressado... és um teimoso.

FREDERICO

Pois meu pai não sabe que já certo indivíduo quis instituir-se à força Procurador de outros?

ANTÔNIO

Fala, fala, rapaz.

FREDERICO

Esqueci-me do melhor que lhe queria dizer — e é que... mas... (*abanando com a mão por cima da cabeça*) parecendo-me... Sim. Não há quem não saiba que ele não procura receber quantias pertencentes a pessoa alguma, quer negociantes, quer empregados públicos, que não se envolve em negócios de pessoa alguma, — entretanto, milhares de Procuradores procuram aquelas a que ele tem incontestável direito! e por consequência o fazem para si!

ANTÔNIO

Rapaz, não te aflijas; bem sei que ainda há poucos dias mentiram-te, mas a verdade há de brilhar, e em tempo, — espera mais três dias.

FREDERICO

Suponha o meu pai que certo indivíduo que tem de passar um documento — morreu, ou viajou, mas que há todas as participações necessárias na repartição competente para pagar e fazer a descarga; pode alguém estorvar ou opor quaisquer obstáculos? Certamente que não. (*Caminhando e ciando com as mãos*) Pois é o que tem acontecido para com o meu amigo.

ANTÔNIO

Sei, eu sei de tudo isso. É uma linda comédia! É... (*de repente*) quem o mandou ser Advogado! Quem o mandou ser Médico! Quem o mandou ser filósofo! Para que fez-se político, frade, botânico e não sei que mais?

FREDERICO (*tomando posição bem séria*)

Respondo — Deus ou uma de suas Partes... não. Deus ou a Natureza! Nos espíritos de todos os entes animados foram... estes eram eu ou seus corpos foram em geral por mim animados! Os inanimados parece haverem de mim recebido certa animação! Assim me fez Deus — ou a Natureza.

ANTÔNIO

Então, foste um tolo!

FREDERICO

Não, meu pai, fui, sou e serei — o que Esse mesmo Deus ou essa mesma Natureza quis, quer e quiser que eu seja.

MANUEL (*à parte, rindo-se*)

E que tal o senhor Frederico! Falou agora que ninguém pode com ele! nem o próprio senhor doutor pai dele pode responder-lhe. Está embatucado! (*Abanando ligeiramente a cabeça para diante, com um chapéu muito alto, mais largo em cima do que embaixo*) Sim Sinhô; sim... Sinhô; é assim mesmo sim sinhô; tem razão; é como o Sinhô Frederico diz! Agora hão de ver... e eu já vou... (*Mete a mão por entre as calças, colete, casaca, e não acha o que procura; fica muito sentido*) Perdi, perdi tudo! tudo! (*E põe-se a chorar como uma criança*)

QUADRO II

CENA I

LEVA-REMOS (*entrando em uma sala com aparência ou semelhança de loja; para o caixeiro*)

O senhor tem roupa feita?

ROSCÁLIA (*caixeiro*)

Sim, senhor. (*Sobe uma escada e apresenta no balcão algumas caixas, abrindo-as*) — Eis aqui da melhor que há.

LEVA-REMOS (*tirando, vestindo, despindo, mirando-se num espelho; para o caixeiro*)

Uma está larga, outra comprida, esta curta, aquela apertada... finalmente: — qual é o menor preço por que vende cada uma?

ROSCÁLIA

O senhor é bem falto de conhecimento. É bem impertinente! Pois não vê que esta calça (*pegando-a*) lhe está boa?! Que melhor quer? O colete, não há alfaiate que lhe possa fazer igual. Agora que mais quer? Leve este casaco (*pegando em uma peça da obra, que não era*

casaco, mas camisa) isto está-lhe bom! Muito bom! Ande, e não paga nada!

LEVA-REMOS (*à parte*)

Que generosidade de amigo. Amanhã (*apontando com o dedo polegar*) mandar-me-á a conta a casa; e se eu não lha pagar, no dia seguinte o meirinho! Pensa que ainda não o conheço! Para cá vem bem, de carro: sege ou carrinho!

ROSCÁLIA

Então não quer? Não servem?

LEVA-REMOS

Está tudo muito bom! Vou mudar. (*Despe-se e muda*) Pronto! fica essa que já está algum tanto enxovalhada, e eu vou com esta. (*Voltando-se todo*) O meu chapéu! (*Procura e não acha*) Hei de ir agora sem... com a calva (muito desconsolado) à mostra!? (*Passeando e virando-se para o caixeiro, de repente*) O senhor não tem chapéus?

ROSCÁLIA

Tenho; tenho. Já o sirvo; é num pulo. (*Salta à escada e atira com três ou quatro caixas embaixo*) Eis aqui um; este há de servir-lhe. (*Tudo muito apressadamente*) Olhe, pegue, veja; é dos mais finos que se fabricam em Antuérpia, que são os de mais fama.

(*O indivíduo pega num para experimentar e o caixeiro dá um salto e encaixa-lhe na cabeça*)

LEVA-REMOS

Com efeito, este é grande demais. (*Atira-o na prateleira*) Vejamos outro. (*Pega em outro*) Oh! este talvez me sirva.

ROSCÁLIA (*tirando-o quando ele ia pôr na cabeça e atirando-o para dentro*) — Não vê que este é muito grande!? Pegue este outro. (*Agarra a caixa de um outro e quer ver se lhe serve, pondo-lho na cabeça*)

LEVA-REMOS (*pegando o chapéu e atirando-o à cara de Roscália*)

Fique com ele, seu brejeiro!

ROSCÁLIA

Ah! não me quer; pois há de despir a roupa que lhe dei, ou há de ir nu, ou há de ir de roupa velha! Que marreco! queria ir de roupa nova visitar... oh! *(Bate com a mão na cabeça)* Era... *(muito admirado)* uma, mais uma, depois de tantas experiências, que ia fazer: vestir roupa nova para beijar mulher nova. Muito bem! muito bem, senhor Doutor! muito bem! muito bem!

LEVA-REMOS

Nunca pensei que o senhor fosse tão ordinário. *(Tira ligeiramente a calça, veste a com que andava e atira na cara a que tirou, faz o mesmo ao colete, veste o seu e dá-lhe com ele no nariz)* Come-o, bandalho! *(Tira a sobrecasaca ou paletó e soca-o na boca do caixeiro e esfrega-lho nos ouvidos, nos olhos, dizendo)* Ouve! Morde! Cheira!

(Roscália conserva-se humilde, espantado, sofre calado e resignado. Leva-Remos sai)

ROSCÁLIA *(só e com as obras na mão)*

Meu Deus! onde tinha eu esta cabeça! Onde estava o meu pouco juízo — quando maltratei este homem! Eu não o conheci. *(Batendo nas faces)* Perdoai-me, meu Deus! perdoai-me! Ele me havia tratado sempre tão bem e eu fui tão cruel para com ele! Como eu sinto o efeito dos benefícios esparzidos por este Homem-Deus! Que alma grande! Como agora vejo que ele se espalha como o vento por toda a parte: como ele faz-se ouvir na Europa, na Ásia, na África e na Oceania! Já não falo na América, que tão perto fica... que é onde vivemos! mas nas mais longínquas partes dos dois hemisférios. Que Grandeza de Homem! É Onipotente. *(Cai de joelhos, com as mãos postas)*. A ele imploro — perdão *(batendo nos peitos)* de minhas culpas; de meus pecados! A ele imploro que por mim interceda... se algum outro tem de punir-me, ou julgar-me! *(Cai de bruços, gritando)* Ai!

LEVA-RIBA *(dono da loja, para o caixeiro)*

Que é isto, rapaz, homem, criança? (*À parte*) Estará morto este diabo? (*Bate-lhe com um pé*) Ó moleque! judeu! (*À parte*) Não fala! Isto está morto mesmo! É um monte de carne de boi que está aqui estendido. Ainda terei o trabalho de mandar pôr este maluco no cemitério!? Não! vou mandá-lo pôr na praia! (*Chega a uma porta e chama cangueiros*) Ó rapazes! rapazes, venham cá.

CANGUEIROS

Prontos, senhor!

LEVA-RIBA

Vocês são capazes de botar na praia este boi morto?

CANGUEIROS

Não senhor! Deus nos livre!... ele é gente?

LEVA-RIBA

Qual gente?! Isto é um monte; é um monturo que está aqui (*dá-lhe pontapés e ele não se mexe*), vocês estão vendo? Está morto. Levem-no, levem-no. É pago bem o seu trabalho.

CANGUEIROS (*saindo*)

Não senhor! não senhor! Nós não podemos não!

LEVA-RIBA

Ora, senhor (*ansiado*). Como me hei de eu ver livre deste diabo!? Por mais que pense, que cogite, não sei... Ah! (*Ouve-se o barulho de uma carroça*) vou chamar: Ó carroceiro, vem cá!

CARROCEIRO

Não posso; estou com pressa. (*Virando-se para dentro, muito zangado*) — Não sei que hei de fazer deste... ah! já sei! (*Agarra-o por uma perna e puxando-o*). Pesa como todos os diabos! Mas há de ir. Há de sair. E fede. Morreu há uma hora, e já se o não pode aturar. Pois isto comia mais do que um boi roceiro. Amanhecia comendo, levantava-se comendo, trabalhava comendo, deitava-se comendo, dormia

comendo! (*Torna a puxar e arrasta um bocadinho*) Ah! ele sempre vai saindo, e há de sair, quer queira, quer não, há de ir.

LEVA-REMOS (*chegando*)

Oh! que vejo! Roscália morto! Estou estupefato!

LEVA-RIBA

Pega desse lado, que eu pego deste. (*O caixeiro quer levantar-se, mas não pode*) Agora quer levantar-se, que não, hei de pô-lo na rua! (*O caixeiro grita que lhe acudam*) Nada! nada! Há de ir quer queira, quer não! (*Sempre com o amigo, fazendo o maior esforço para pô-lo fora da porta*)

LEVA-REMOS

Pesa mais que trezentas arroubas! Tenho visto pegar em pipas incomparavelmente mais levianas.

LEVA-RIBA

Coragem! esforço; e ele há de sair.

ROSCÁLIA (*gritando*)

Ai! quem me acode? Quem me acode?

LEVA-REMOS

Não lhe valem agora os gritos! Há de ir, há de ir.

(*Tanto puxam e arrastam que chegam a pô-lo fora*)

LEVA-RIBA

Graças a Deus! estamos livres deste diabão! (*Cheira as mãos*) Fum!... como fede! que porco! Ainda sujou-me nas mãos antes de sair! Safa — com tal porcalhão! Custou-nos (*para o amigo*); mas vencemos!

QUADRO III

Uma sala, algumas mulheres e alguns homens.

CENA I

UMA DELAS

Tenho o prazer de apresentar-lhes o senhor Quadrado, há pouco vindo da Europa... dos Estados Unidos, onde aprendeu a arte de tudo quebrar e nada endireitar! Quer fazer aqui algumas experiências. Quer divertir-nos por alguns minutos: será um pequeno espetáculo em uma das mais admiráveis artes.

QUADRADO

Pouco, minhas senhoras, sei fazer; pouco estudei (*arregaçando as mangas*) ainda assim farei o que puder, e do melhor modo possível, para entretê-las. (*Dirigindo-se a um dos circunstantes*) Faz-me o obséquio do seu relógio?

UM DOS CIRCUNSTANTES (*tirando-lhe da algibeira*)

Pois não! Ei-lo! (*Apresenta-o*)

QUADRADO (*tirando um martelinho da algibeira, bate no relógio e quebra-o, dizendo*)

Nunca fiz uma operação tão bem feita! (*Põe os cacos em cima de uma mesa. Dirige-se a uma senhora e pede-lhe o leque com que se abanava. Seus pedidos são feitos com a maior urbanidade; tira do bolso outro instrumento e com ele põe o leque em um bolso, dizendo*) Pode-se com este jogar a carambola! (*Pede a outra um lenço; com uma tesourinha pica-o e põe em cima de outra mesa, dizendo*) Está ótimo o guisado! (*Bem como o leque em cima de outra. Pega em uma manga de vidro, quebra e atira com os pedaços para cima da outra. Reina no salão o mais profundo silêncio. Apenas de vez em quando se ouve alguma voz de senhora*) Se ele não conserta, estamos bem servidas, principalmente a dona da casa, que fez-nos o honra de apresentá-lo. Se não consertar — a desonra! Se deixar tudo quebrado, embrulhado, picado...

QUADRADO

Quebrei (*passeando*) relógios! Estraguei um leque; piquei um lenço; quebrei; pus em estilhaços uma manga de vidro!... e como agora há de ser!? Nada (*em voz baixa*) posso consertar, porque nada aprendi. E

agora, com que cara fico!? O que hei de fazer! Enlouqueço... não!... pedir desculpas... não devo! Compor... não posso. Que hei de eu fazer!? (*Divisam-se sorrisos em todos os semblantes*) Já sei! (*com desdém*) tornar-me-ei estúrdio...

UNS PARA OUTROS

Querem ver que o Quadrado ainda é aquele gaiato! aquele brejeiro! aquele extravagante de outros tempos!?

OUTROS

Ele não faz senão passear... Parece que está a bordo de algum navio... Estamos perdidos!

OUTROS

Babou-nos!

UMA MULHER

O dono do relógio é que se há de ver em apuros!

OUTRA

Qual apuros. Ele que quebrou, é porque tem capacidade para compor. Esperem... está estudando a matéria; logo mais há de pô-la em discussão!

A DONA DO LENÇO (*para uma amiga*)

Minha amiga, estou sem lenço! e que caro me custou! É do preço de 50\$ rs., comprado na loja do Leite.

AMIGA

Isso não é nada! E o meu leque esmaltado das mais finas pérolas, com botões de ouro e algumas estrelinhas de brilhantes! Isso é que é. Sabes quanto me custou? Se estou bem lembrada, é do preço... não direi, mas calcula pela qualidade o que devia valer!

A DONA DA CASA

Pois eu não faço caso das mangas que ele quebrou, conquanto também fossem de algum valor. Além disso estão muito apurados!

(*Espiam, olham, riem-se*) Se ele não endireitar tudo... nem eu! fiquem bem certas disso!

UMA DELAS

Isso sabemos nós; pela minha parte, perdoo-lhe de bom grado qualquer prejuízo que me haja dado

OUTRA

E eu faço o mesmo.

O DONO DO RELÓGIO (*muito desconsolado*)

E eu que hei de fazer, senão também perdoar-lhe qualquer prejuízo que me dê? Agora está quebrado... que lhe hei de fazer? Aproveitarei as peças e mandarei para o Rio compô-lo. Aqui os relojoeiros só têm o título de tais; mas em verdade, não passam de atamancadores; se (*mexendo-se na cadeira*) não se puder endireitar, também a perda é pequena; custou-me... receber das mãos do amigo, que me fez o obséquio de presentear-mo! A corrente é que foi um pouco mais cara... entretanto, seja o que for; aconteça o que acontecer; calados devemos sofrer.

UMA VOZ

E ele não conserta coisa alguma: vocês hão de ver!

QUADRADO (*muito triste e pensativo*)

Que esperam os senhores e as senhoras!? Pode cada qual retirar-se para sua casa.

(*Há gargalhados gerais*)

UMAS VOZES

Eu não dizia?

OUTRAS

É bem feito! Não o conheciam?

ALGUMAS

Pensávamos que ele já tivesse juízo! Pregou-nos a maior peça que se pede imaginar!

ALGUMAS OUTRAS

Não era de esperar outra coisa. O diabo do homem ainda não mudou!

OUTRAS

Vejam, vejam.

QUADRADO

Qual mudou nem mudou. Não sabem que os vidros quebrados, só com a máquina e fogo se consertam? que a fazenda cortada, com agulha e linho se emenda!? que eu não tenho máquina, nem fogo, agulha, nem linho? que não sou relojoeiro? Hein? Hein? — E o meu leque (*muito sentimentalmente*), senhor Quadrado, hein? hein?

A DONA DO LEQUE (*aproximando-se dele*)

Não diz nada? Não fala?! Deixa estar (*muito triste*) que o senhor Há de pagar. Nunca mais hei de olhar para a sua cara!

QUADRADO

Pois que querem que eu faça, meninas?! (*Põe-se a chorar e a pedir outro lenço para enxugar as lágrimas*) Que hei de eu fazer para não ser odiado deste anjinho?

UMA DELAS

Sim; pois ainda quer outro!? É bem tolo.

QUADRADO

Meu Deus dos céus! estou perdido! (*pondo as mãos na cabeça*) perdido! perdidíssimo. Minha querida! minha queridinha! me ame! me minta ao menos para consolar-me! Diga que me perdoa, sim! sim — seja religiosa — por obra de misericórdia... sim, minha queridinha (*aproximando dela*), a senhora é tão bonitinha... (*pondo-lhe a mão no rosto*) perdoa-me, sim? perdoa-me, diga-me — que sim; senão eu morro de paixão Ai! (*curvando-se*) que dor de cabeça eu

sinto! Me acudam! (*Com uma mão na cabeça e outra no peito, corre pela casa toda, gritando*) me acudam, senão eu morro! me acudam!

(*Todas levantam-se, querem agarrá-lo, não podem*)

UMA PREJUDICADA (*para as outras*)

Ele está doido! Qual doente, está fazendo estas partes para inspirar compaixão... Vamos dar-lhe algum remédio! Vamos! Vamos!

OUTRA

Mas ele não deixa pessoa alguma chegar perto dele! E que se lhe há de fazer!?

ALGUMAS

O que lhe faz bem, senhor Quadrado, quando o senhor está atacado deste mal, a que estas senhoras chamam padecimento ou sofrimento em suas faculdades mentais!?

QUADRADO

Uma ajuda com pimenta! Uma ajuda com pimenta, sal ou pimentão. Um crister ou cristel em seringa ou cheringa de repuxos de pimenta! de pimenta! sim! sim! (*Até que cai*)

(*Todos o cercam, buscam remédios, fazem-lhe fricções, lamentam seus sofrimentos, etc.*)

UM DOS CIRCUNSTANTES (*para a plateia*)

Aproveitamos a lição para não confiarmo-nos — de quem não conhecemos, nem cremos em impossíveis!

QUADRO IV

CENA I

Entram quatro senhoras, um homem as recebe muito carinhosamente e as faz sentar.

UMA DELAS

Mora, meu senhor, nesta casa, o senhor...

FERNANDINHO

Fernandinho de Noronha; não, minha senhora?

RUMÂNICA

Creio que sim; casado com a excelentíssima senhora D. Pulquéria de...

FERNANDINHO

Sim, minha senhora; vossa senhoria não se engana; é aqui mesmo. Deseja falar-lhe?

RUMÂNICA

Sim senhor; é minha amiga de infância, a quem muito amo e estimo.

FERNANDINHO

Vossa... é a senhora D. Rumânica?

RUMÂNICA

A mais humilde de suas criadas!

FERNANDINHO

Queira demorar-se alguns instantes; entreter-se com o que há em cima desta mesa, se lhe aprouver, enquanto eu vou chamá-la. (*O cenário deve ter sala em que fica D. Rumânica e quarto em que está D. Pulquéria. Entra no quarto e encontra a mulher deitada; para esta*) Pulquéria! (*Pondo-lhe a mão na cabeça, no ombro, corpo, etc.*) Pulquéria! estás dormindo? não ouves? Levanta-te! Está aí uma visita que te quer falar! é D. Rumânica — a tua amiga de infância. Anda! (*Pulquéria não fala*) — Ah! tu não ouves! não respondes! estás dormindo! Pois bem, vou pregar-te uma peça que te há de escarmentar (*À parte*) Vou pôr-me a gritar, e ela há de se levantar. (*Com as mãos na cabeça*) Pulquéria! Pulquéria! roubaram a nossa querida filha! Levanta-te! corre! procura-a!

(A mulher salta em fraldas de camisa, cheia de espanto, procurando com a vista por todos os lados do quarto)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com